

Queridos amigos dos Conselhos Consultivo,
Deliberativo e Fiscal,
Finalistas do Prêmio ABERJE,
Representantes das mídias do ano,
Caros associados e
Representantes da Sociedade Civil,

Em bem pouco tempo, o ofício de comunicador deixou de ser meramente uma atividade de difusão de informações, que se ocupava mais com a forma do que com o conteúdo; que privilegiava mais a mídia do que a mensagem.

Nas voltas que o mundo dá, a comunicação tornou-se processo fundamental para as organizações modernas, interessadas em sua perenidade e, para algumas, na construção de um mundo melhor, mais justo e igualitário.

Em anos recentes, passamos a nos ocupar de questões fundamentais para a consolidação do

processo democrático, da justiça social e de nosso futuro comum.

Sob a perspectiva histórica, a mudança foi muito recente e rápida. E com ela vieram profissionais de muitas disciplinas, com muitos conhecimentos - a maior parte das ciências humanas - que trouxeram novas e mais amplas perspectivas.

A comunicação tornou-se atividade mestiça, livre de corporativismos rasteiros e de carimbos normatizadores. Nesse contexto, lembro o poeta Mário de Andrade, homem de natureza inquieta, múltipla e vária – e mestiço – que, em poema de 1929 registrou: “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta”. Esse versinho antecipa a interpretação luso-tropicalista de Gilberto Freire, que atribuiu à miscigenação racial e da cultura papel fundamental na formação de nosso povo - ou de nossa fábula, segundo o antropólogo, meu mestre, Roberto DaMatta.

Pois bem, são esses 350 papéis que, incito, o comunicador deve assumir hoje. Especialmente nos planos político e educacional. É ele quem estabelece e mantém relacionamentos que dão sustentação para a sociedade e para os negócios, para a perenidade das organizações e, por extensão, da sociedade e dos valores democráticos.

Daí o aspecto político e educacional de nossa atividade, que é eminentemente de interesse público. Desnecessário assinalar a influência da comunicação na vida cotidiana das pessoas. Disso decorre o vigor do argumento de que a comunicação é atualmente a principal componente que viabiliza a agenda pública de qualquer sociedade.

Naturalmente, não se trata de política partidária, ideológica ou coisa equivalente. Trata-se de valorizar a relevância do poder da comunicação e dos relacionamentos, dos efeitos da palavra impressa ou amplificada por veículos de comunicação e pelo olho-no-olho entre

representantes de governo, sociedade, capital e trabalho. Dos múltiplos representantes daquela sociedade “micro-celular”, de que nos fala Felix Guatarri.

Por isso, o comunicador profissional precisa estar em sintonia com as questões públicas. Afinal, a agenda nacional e internacional é composta de diversas agendas e interesses, que dizem respeito diretamente às atividades de comunicação.

A convergência de mídias proporcionada pelos avanços tecnológicos exige uma nova Lei Geral de Comunicação Eletrônica de Massa. O debate em torno da implantação da TV digital no Brasil e no Mercosul, que mobilizou tantas atenções ao longo deste ano, ainda depende de inúmeras regulamentações. Volta-se a discutir a questão da participação do capital externo no controle acionário de meios de comunicação que divulgam conteúdo artístico, cultural ou jornalístico.

A recente campanha eleitoral, por sua vez, colocou na ordem do dia o tema da democratização da mídia, além de reavivar o da propaganda política. Propriedade intelectual, cultura e conhecimento tradicionais, regionalização de conteúdo, censura e muitos outros são assuntos perenes.

Sobre esses e outros temas, cidadãos e organizações da sociedade civil, entre estas as empresas, têm opiniões e interesses a defender e atacar, muitas vezes com paixão.

Por conta dessas constatações, acreditamos que a ABERJE, por ser uma entidade de convergências, de somas – de novo, de mestiçagens - tem condições únicas para ser um fórum privilegiado para esse debate, sem paixões, por reunir todos os envolvidos: jornalistas, publicitários, anunciantes, relações públicas, empresas e organizações, sem corporativismo ou viés ideológico, naturais de outras entidades do setor.

Assim, em 2007 a ABERJE passará também a atuar na esfera pública, a bem dos interesses de seus associados, da liberdade e da democracia brasileira. Uma das questões públicas que debateremos e investiremos nossas melhores energias é a da regulamentação do lobby.

Acreditamos que é mais do que legítimo que empresas, associações de classe, organizações não governamentais e qualquer grupo de cidadãos cujos negócios ou interesses podem ser afetados pela definição de determinadas políticas públicas tenham canais para expressar seus pontos de vista, preocupações, argumentos.

Isso é próprio da democracia. E quanto mais regular, transparente e público for esse processo de pressões e contrapressões sobre os detentores de mandatos eletivos ou cargos públicos, melhor para a sociedade. Como dissemos, os escândalos que abalaram o país, nas últimas décadas, comprovam essa necessidade. Muitos dos estragos que

envergonharam a cidadania brasileira, já no período da democracia, poderiam ter sido evitados se o encaminhamento de reivindicações frequentemente legítimas fosse obrigatoriamente realizado por meios lícitos e claros, definidos em lei, sujeitos a verificação isenta de agentes públicos investidos de poder para tanto.

A falta de regulamentação leva à impressão equivocada e nociva de que defender opiniões equivale a delinquir. A palavra lobby passou a ser quase sinônimo de palavrão, suborno, extorsão ou tráfico de influências, apesar de estes serem crimes, enquanto defender seus interesses é um direito inalienável de qualquer pessoa, grupo, entidade ou organização.

A ABERJE pretende envolver-se cada vez mais nesse processo, convicta de que dará uma contribuição importante para a nossa atividade, para o desempenho de nossas empresas associadas e seus profissionais que as representam, para o

aperfeiçoamento da democracia e também para o melhor desempenho da cidadania no Brasil.

O combate ao corporativismo, como princípio, e a determinação de atuar para a regulamentação do lobby são importantes ações para 2007, ano em que a nossa ABERJE celebrará 40 anos - mirando os próximos 40.

Contando com o amplo apoio dos Conselhos, em especial do Conselho Deliberativo, que tenho a honra de presidir graças ao voto de seus representantes, a diretoria da ABERJE - encarnada pelo nosso queridíssimo Paulo Nassar, a quem cumprimento e peço o reconhecimento de todos por meio de uma estrondosa salva de palmas...

Como disse, a diretoria da ABERJE e seu grupo executivo têm trabalhado com disciplina para ingressar 2007 com estruturas de governança maduras, testadas no fragor das lições cotidianas; com processos administrativos estáveis e outros

ainda em processo de estabilidade; e, por fim, com resultados financeiros superlativos, auditados por parte independente. Como mencionamos no ano passado, a ABERJE concluirá o ano de seu quadragésimo aniversário, lançando a pedra fundamental, de seu novo espaço, que acolherá com conforto os seus associados e obterá, no ano seguinte, a certificação de seus processos de gestão, pela norma ISO 9001.

Queridas amigas e amigos,

Era essa a mensagem que eu queria transmitir a todos, a aproveitar esse momento tão especial da entrega do Prêmio ABERJE Brasil.

Muito obrigado pela atenção. Muito obrigado pela presença sempre prestigiosa, que muitos nos honra e orgulha.

Muito obrigado.